

Depois de ter conquistado palmo a palmo as minguadas regalias que usufrui, o operariado tem que dispôr-se a não consentir que lhe baixem os salários

Nós, o operariado português, estamos longe de disfrutar uma situação económica equilibrada. A deficiente remuneração do esforço mal dada para manter uma vida de fícções, em que muitas vezes se busca exteriorizar uma felicidade não sentida, um aparente bem estar que uma fácil investigação desmente. Essa felicidade e esse bem-estar aparentes, decrescem ainda proporcionalmente se nos dermos a estabelecer comparações entre a vida dos assalariados portugueses e a dos assalariados de outros países, onde o sistema capitalista, também duro, também tirânico, sem descurar os seus interesses, é menos usurário e mais previdente. Lá fora também se explora, mas essa exploração é conduzida num sentido mais prático, de maneira a que o produtor, pelo menos, não perca o gosto pelo seu *metier*, e nos locais do trabalho, desprendidos um pouco das necessidades do lar, possam ir transmitindo às suas manufaturas o todo do seu espírito artístico. Isto dá-se até nos países que ainda se regem pelos princípios mais conservadores.

O ataque já foi lançado, e a resistência já se esboçou. Ontem fomos os industriais corticeiros, hoje, em Aldeagalega, são os industriais chacineiros. Estes últimos têm pela frente uma classe de mulheres que, não organizadas nem adestradas, souberam responder à extorção com a greve.

Em várias fábricas e pequenas oficinas, subrepticiamente, procurasse diminuir os salários. Tudo nos indica, pois, uma nova fase da luta contra o patronato. Depois de ter lutado por mais salário e contra a carestia da vida, o operariado deve organizar-se e preparar-se para a luta contra a baixa de salários que nada justifica, posto que os preços dos géneros essenciais à vida, se oscilam, é num balaio macabro, subindo uns e descendo os outros para depois voltarem a descer os que subiram e a subir os que desceram. Isto, até que o operariado se capacite para conseguir um remédio que não virá das mãos dos outros, dos políticos, mas que será filho da ação exclusiva dos que sofrem; a Revolução.

Notas & Comentários

Os dejectos de Azedo Gnecco

O dr. Ramada Carto enquadado como andava com a importância política considerável do partido socialista fala sobre a "massa inerte na vida política e de representante da burocacia do operariado".

Quanto à segunda parte recordamos que no C. G. T. não há burocratas e que não somos nós que pertencemos ao Conselho Superior da Administração Financeira do Estado e à Caixa Geral dos Depósitos.

A C. G. T. não há dúvida que é uma força inerte, principalmente posta em comparação com um agrupamento bastante incômodo e vago. A não ser que os dejectos de Azedo Gnecco misturados com dois políticos deslocados dos grandes partidos tenham tal força que lhes permita chamar a C. G. T. "massa inerte".

Moral cristã

«*Lebre Pensée Internationale*» conta-nos que Alberto Dorchar, o jovem americano que faleceu em Denver (Estados Unidos) era muito religioso, não faltava à missa, confessava-se e comungava. Nova prova de que seu religião não há moral. O padre da igreja de Santa Maria do Lago, em Skaneateles (Nova York) matou-se com um tiro de revolver. Os jornais sérios guardaram silêncio. Se fôssem um propagandista do Livre Pensamento, toda a imprensa se apressaria a dizer que só a religião pode impedir o crime (se o suicídio é crime).

A função das Juventudes

O Diário de Notícias referia ontem que a polícia teve conhecimento da morte do deputado José Gomes Pereira Avante por um documento apreendido nas Juventudes Sindicais.

Essa informação se fosse verdadeira seria o despréstígio máximo a que podem chegar os poderes constituídos. Pois haveria quem admitisse como possível que nas Juventudes Sindicais se saiba sobre o que se passa nas colônias mais do que o governo ou as autoridades, existindo como existe uma apertada censura telegráfica?

Há o Diário de Notícias. Bem mau serviço é prestado, dando aos seus leitores a impressão de que quem sabe o que se passa em África não é o ministério das Colônias mas as Juventudes Sindicais.

Contra a carestia da vida o operariado sustentou as mais árduas e vigorosas lutas. Iniciou-as reclamando mais salário quando a ganância do comércio já lhe tinha sobrecarregado os géneros em mais 30 por cento e passados alguns anos olhou atrás e viu a inanidade dos seus esforços, a efemeridade dos aumentos conseguidos, que se tornaram um pretexto para maiores espoliações dos mercadejadores. E aqueles mesmos que nos movimentos de conquista de mais salário insinuavam que o que seria acertado era o lutar-se pela baixa do custo da vida, ajudaram a esmagar o formidável movimento de 18 de Novembro de 1918.

E mau grado nosso voltámos às lutas, inglórias mas inelutáveis, por mais salário, até que uma estabilização se produzisse.

A "Legião Negra" em Portugal definha os operários nas cadeias e assassina-os na Guiné

O actual momento não pode deixar dúvida sobre as convicções dos homens que governam uma república em que predominam os monárquicos de baixo estofo moral e intelectual—os monárquicos que antes de 5 de Outubro não passavam de caloteiros sem vergonha, de sordidos burocratas ou de iníquos e ruminantes militares profissionais de espada decorativamente à cinta e braços eternamente cruzados.

Que esta república de videirinhos seja, de verdade, uma monarquia orientada por indivíduos maus e imbecis até à inverosimilhança, não admira, afi estão os factos—que factos!—ataé-lo. Foi-se aos homens que quizeram suprimir com sangrentas cargas a baioneta e com tiros de canhão todas as regalias colectivas e absolviu-os.

Aos marinheiros que sempre serviram a república e salvaram largos anos o

partido democrático—fazendo correr o seu

sangue, sacrificando as suas vidas para

que os aventureiros dessa facção nos

roubassem—nós e elas—enriquecsem-

sem, passaram o 5 de Outubro na cadeia

por um crime praticado pelo seu superior

o almirante Macedo e Couto, que passou o

5 de Outubro—feito também pelo con-

curso de martírios—em liberdade.

Para os partidários da ditadura a prisão escancarou-se, para os marinheiros ludibriados as grades ficaram herméticas, frias e pesadas, a aferroá-lhos.

E quanto aos operários que se ergueram, prontos a bater-se, dispostos ao sacrifício das vidas para que a ditadura em 18 de Abril não vingasse, todos os horrores dum repressão cruel, todas as injustiças dum deportação feita contra todos os princípios humanos e contra todas as normas jurídicas. Saltou-se por cima da lei para pôr na rua os revoltosos de 18 de Abril, saltou-se por cima da lei para mandar, para a Guiné, homens vítimas das informações dum polícia de doidos maus, de vesânicos e de castrados. Saltou-se por cima da lei para que um bando sínistro assaltasse e saqueasse a C. G. T.

Saltou-se por cima da lei para manter prisões, sem culpa formada, durante largos meses. Saltou-se e continua a intenção de não se integrarem dentro dela porque isso representa um acto de justiça e é um crime, um crime da lesa-burguesia, de rachar andar operários em liberdade. Que diriam se tal acontecesse a União dos Interesses Económicos, O Sétulo seu órgão, os jornais monárquicos, a rua dos Capelistas e a Companhia dos Tabacos por intermédio do sr. Lima Basto seu amigo, seu empregado, seu círculo figura ministerial da *entourage* de António Maria da Silva?

Diriam que o governo dera o braço à desordem e transigira com o crime. E essa pressão de reacionários, donos das nossas consciências e senhores da nossa liberdade e de capitalistas—que possuem as nossas vidas e nos saqueiam diariamente—que mantêm operários presos nas esquadras.

E' essa gente quem manda e é o sr. Domingos Pereira quem obedece. Ainda estaremos a esperar—a bem dizer nós nunca esperámos—das conclusões daquele inquérito que à polícia foi ordenado para averiguar se a polícia cometeu os espancamentos que os presos sofreram, e ainda se encontram na esquadra de Santa Marta aqueles manipuladores de pão há tempos espancados e torturados e cujas roupas ensanguentadas andaram pelas redações dos jornais e chegaram a intervir nos debates parlamentares. Estão na mesma esquadra onde também se encontram, impunes e sorridentes, desdenhosos e brutais, os polícias que bárbaramente cometem a cobardia de os agredir, mais de uma vez. Ainda estão presos em várias esquadras operários que A Batalha relatou, há meses, que se encontravam detidos há mais de 100 dias. Temos nas esquadras enjaulados, sem conforto, sem ar, sem luz, sem a maioria dos requisitos que permitem a existência de vida humana, operários presos há mais de 4 meses.

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há uma lei que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão—devido às inclemências sofridas—atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o cativeiro mata-os. Nessa altura o sr. Domingos Pereira não poderá reparar essa infâmia que um ministro praticou e dos ministérios sancionaram, porque não tem o poder de ressuscitar os mortos.

Se interrogarmos quando são postos em liberdade os operários que há 6 meses se encontram presos a quem devemos fazer a pregunta? Ao Conselho Superior da Causa Monárquica, ao sr. Domingos Pereira ou à rua dos Capelistas?

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há uma lei que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão—devido às inclemências sofridas—atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o cativeiro mata-os. Nessa altura o sr. Domingos Pereira não poderá reparar essa infâmia que um ministro praticou e dos ministérios sancionaram, porque não tem o poder de ressuscitar os mortos.

Se interrogarmos quando são postos em liberdade os operários que há 6 meses se encontram presos a quem devemos fazer a pregunta? Ao Conselho Superior da Causa Monárquica, ao sr. Domingos Pereira ou à rua dos Capelistas?

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há uma lei que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão—devido às inclemências sofridas—atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o cativeiro mata-os. Nessa altura o sr. Domingos Pereira não poderá reparar essa infâmia que um ministro praticou e dos ministérios sancionaram, porque não tem o poder de ressuscitar os mortos.

Se interrogarmos quando são postos em liberdade os operários que há 6 meses se encontram presos a quem devemos fazer a pregunta? Ao Conselho Superior da Causa Monárquica, ao sr. Domingos Pereira ou à rua dos Capelistas?

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há uma lei que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão—devido às inclemências sofridas—atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o cativeiro mata-os. Nessa altura o sr. Domingos Pereira não poderá reparar essa infâmia que um ministro praticou e dos ministérios sancionaram, porque não tem o poder de ressuscitar os mortos.

Se interrogarmos quando são postos em liberdade os operários que há 6 meses se encontram presos a quem devemos fazer a pregunta? Ao Conselho Superior da Causa Monárquica, ao sr. Domingos Pereira ou à rua dos Capelistas?

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há uma lei que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão—devido às inclemências sofridas—atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o cativeiro mata-os. Nessa altura o sr. Domingos Pereira não poderá reparar essa infâmia que um ministro praticou e dos ministérios sancionaram, porque não tem o poder de ressuscitar os mortos.

Se interrogarmos quando são postos em liberdade os operários que há 6 meses se encontram presos a quem devemos fazer a pregunta? Ao Conselho Superior da Causa Monárquica, ao sr. Domingos Pereira ou à rua dos Capelistas?

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há uma lei que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão—devido às inclemências sofridas—atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o cativeiro mata-os. Nessa altura o sr. Domingos Pereira não poderá reparar essa infâmia que um ministro praticou e dos ministérios sancionaram, porque não tem o poder de ressuscitar os mortos.

Se interrogarmos quando são postos em liberdade os operários que há 6 meses se encontram presos a quem devemos fazer a pregunta? Ao Conselho Superior da Causa Monárquica, ao sr. Domingos Pereira ou à rua dos Capelistas?

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há uma lei que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão—devido às inclemências sofridas—atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o cativeiro mata-os. Nessa altura o sr. Domingos Pereira não poderá reparar essa infâmia que um ministro praticou e dos ministérios sancionaram, porque não tem o poder de ressuscitar os mortos.

Se interrogarmos quando são postos em liberdade os operários que há 6 meses se encontram presos a quem devemos fazer a pregunta? Ao Conselho Superior da Causa Monárquica, ao sr. Domingos Pereira ou à rua dos Capelistas?

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há uma lei que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão—devido às inclemências sofridas—atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o cativeiro mata-os. Nessa altura o sr. Domingos Pereira não poderá reparar essa infâmia que um ministro praticou e dos ministérios sancionaram, porque não tem o poder de ressuscitar os mortos.

Se interrogarmos quando são postos em liberdade os operários que há 6 meses se encontram presos a quem devemos fazer a pregunta? Ao Conselho Superior da Causa Monárquica, ao sr. Domingos Pereira ou à rua dos Capelistas?

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há uma lei que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão—devido às inclemências sofridas—atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o cativeiro mata-os. Nessa altura o sr. Domingos Pereira não poderá reparar essa infâmia que um ministro praticou e dos ministérios sancionaram, porque não tem o poder de ressuscitar os mortos.

Se interrogarmos quando são postos em liberdade os operários que há 6 meses se encontram presos a quem devemos fazer a pregunta? Ao Conselho Superior da Causa Monárquica, ao sr. Domingos Pereira ou à rua dos Capelistas?

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há uma lei que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão—devido às inclemências sofridas—atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o cativeiro mata-os. Nessa altura o sr. Domingos Pereira não poderá reparar essa infâmia que um ministro praticou e dos ministérios sancionaram, porque não tem o poder de ressuscitar os mortos.

Se interrogarmos quando são postos em liberdade os operários que há 6 meses se encontram presos a quem devemos fazer a pregunta? Ao Conselho Superior da Causa Monárquica, ao sr. Domingos Pereira ou à rua dos Capelistas?

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há uma lei que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão—devido às inclemências sofridas—atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o cativeiro mata-os. Nessa altura o sr. Domingos Pereira não poderá reparar essa infâmia que um ministro praticou e dos ministérios sancionaram, porque não tem o poder de ressuscitar os mortos.

Se interrogarmos quando são postos em liberdade os operários que há 6 meses se encontram presos a quem devemos fazer a pregunta? Ao Conselho Superior da Causa Monárquica, ao sr. Domingos Pereira ou à rua dos Capelistas?

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há uma lei que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão—devido às inclemências sofridas—atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o

O directório da Liga dos Direitos do Homem contra os desmandos do poder

Sob a presidência do sr. Luz de Almeida, secretariado pelo sr. Virgílio Marques, reuniu o Directório desta colectividade, resolvendo entregar ao Conselho Jurídico o caso do preso Afonso Henriques de Sousa que se considera vítima dum erro judiciário. Igualmente resolveu que o secretariado da Liga afigurasse as causas da prisão dos cidadãos espanhóis José Vicente Calleiro e José Sanchez, cujas entidades são abonadas por muitas pessoas, tanto mais que o director da Polícia de Segurança do Estado declarou não ter nenhum elemento que motive a sua detenção.

Depois foi aprovado um requerimento ao presidente do Ministério solicitando o regresso ao continente dos deportados para aqui serem julgados, para que sejam postos em liberdade os individuos presos há mais de oito dias sem culpa formada, e que o governo nomeie um civil, homem de carácter integro, para proceder a um inquérito imediato a fim de ser castigado quem ordenou e executou o assalto à C. G. T., quem quer que seja essa autoridade.

Em seguida foram aprovadas as seguintes proposições: "Considerando que a Federação Internacional das Ligas do D. D. H., é por princípios pacifista e por consequência anti-revolucionária e anti-militarista como bem o prova o Apelo aos povos pelos Direitos do Homem e da Paz; considerando que devemos defender o predominio do poder civil contra o poder religioso ou militar, propomos que os sócios militares ou da polícia filiados na L. P. D. H., não sejam eleitos para nenhum cargo, devendo esta deliberação ser ratificada na primeira assembleia geral".

O outro documento é bastante extenso: "O Directório ao iniciar trabalhos encontra a sociedade portuguesa num estado de decadência moral que justifica a criminalidade quer considerada como delito comum social quer como abuso do poder ou da autoridade.

Considerando improíbido todo o combate que não atinja directa e intensivamente a origem deste estado mórbido; considerando que a Liga para alcançar a sua objectividade é mister passar do campo estritamente doutrinário para o de realizações imediatas", resolve que a sua comissão de Estudos Sociais estude os seguintes temas:

Pacifismo. Considerando que a guerra de 1914-1918 provocou em Portugal o aumento da força armada, cujo quadro militar de oficiais passou a efectivo numa grande maioria, dando ensejo à escandalosa promoção dos generais, ao contrário dos outros países aliados que licenciaram logo após a guerra não só os pobres soldados mas também os oficiais; considerando que uma parte dessa oficialidade desempenha cargos no funcionalismo e magistério ou são comerciantes ou industriais; considerando que o aumento do exército contribui imenso para o desequilíbrio do orçamento estatal visto que a proposta orçamental de 1925-1926 fixa ao ministerio da guerra 279.802 contos; à guarda republicana 78.607 contos; à polícia (agora militarizada) 9052 contos, ou seja um total de 367.462 contos, havendo um desequilíbrio orçamental de 63.665 contos de despesa superior à receita do Estado, enquanto a força armada absorve mais de 1000 contos diários; considerando sob o ponto de vista social, verifica-se pelos constantes pronunciamentos quanto o exército ambiciona a supremacia do poder militar ditatorial, qual deve ser a atitude da L. P. na propaganda anti-revolucionária na região portuguesa?

Criminalidade. Quais os meios de impedir a sua apologia e propaganda feita pela imprensa e pela cinematografia?

Regime prisional e o trabalho. Ante os resultados morais obtidos, pelos prisioneiros, no trabalho agrícola, quais as melhores indústrias prisionais em que devem ser ocupados os presos?

Prostituição. Abolição do registo policial das miretrizes e da interferência da polícia administrativa na vida das mesmas. Quais os meios para manter o regime sanitário, como e onde deve ser realizado?

Patronato ao emigrante. Quais os meios de protecção dos emigrantes?

Habitação. Quais os meios práticos de resolver o problema?

Da incompetência no poder legislativo. Sendo infeliz a sociedade o poder legislativo exercido por indivíduos de manifesta incompetência, quais os meios que a Liga deve utilizar para combater a eleição destes candidatos em todos os actos eleitorais?

Ensino. Quais os processos a dar ao ensino, em todos os seus graus, para o caracterizar uma feição lidamente republicana e nacionalista?

Estas teses devem ser discutidas em assembleia magna a realizar nos dias 2 e 3 de Janeiro de 1926.

Por último foram aprovados sócios: os srs. Carlos Augusto Pedro Marques, Casmiro Aparício da Silva, Edmundo Luis Soares, João B. Pereira de Lemos, João Pires, Joaquim Franco Junior, José Alves, José Francisco Jorge, Lourenço de Jesus Friaas e Raúl Pereira Martinho.

Contra o assalto à C. G. T.

Da Associação dos Estivadores do Porto de Lisboa recebemos o seguinte protesto:

Conquanto afastados temporariamente da C. G. T., por razões que são do conhecimento de todos os trabalhadores, não podíamos, todavia, deixar de protestar energeticamente contra a violência de que foi vítima o jornal A Batalha e igualmente protestamos contra o assalto feito à C. G. T. — A direcção.

Rurais de Ervedal

Reúniram em assembleia geral no dia 4, protestando energeticamente contra o assalto da polícia às dependências dos organismos operários instalados na calçada do Combro, tendo sido aprovada uma moção nesse sentido.

Também vieram à nossa redacção, cumprimentar-nos e apresentar-nos o seu protesto contra o acto de canibalismo praticado pela polícia no assalto à nossa sede, os srs. major José Rodrigues e tenente Piçarra, revolucionários do 5 de Outubro.

No Liceu de Passos Manuel

A forma tirânica de tratar um velho

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Camarada redactor. — Foi com verdadeira surpresa que num dos dias da última semana deparei nas colunas do nosso portavoz A Batalha, com uma local intitulada: "No Liceu de Passos Manuel. A forma tirânica de tratar um velho", local que por me colocar em situação bastante melindrosa ante aqueles que têm observado a maneira desassombrada como aquilo tenha tratado todos os assuntos que ao funcionalismo dizem respeito e que sobretudo lhe interessam e sabem que é neste modelo e útil estabelecimento de ensino que desempenha as funções do meu cargo pelas quais o Estado concede o menos que preciso para qualquer novo rico da República sustentar um simples dia de luxo, me obriga a vir a público; tanto mais, que estando à frente do citado estabelecimento alguém que de há muito se empenha pelo levantamento das classes menos favorecidas, se poderia tirar a conclusão do que ou ésses alguém falsose os seus princípios, ou se alterava o programa que a mim mesmo impuz, tornando-me címplice duma tirania e duma violência que só se torna possível no cérebro de horripilante recordação, a quem o director obedecesse, não sabemos se com medo, como éle se jacta frequentes vezes. Como já se tem dito mais de uma vez, o rancho fornecido aos presos para a sua alimentação, é de péssima qualidade. Não tem substância em quantidade suficiente, e, às vezes, os generos são pôdes. Para as suas refeições diárias dos 271 presos aqui existentes, ou seja para 542 rações, apenas dão para a cozinha, 8 litros de azete! Porque outra gordura não entra lá...

A local em referência, que por errada informação altera por completo a verdade dos factos, alude a uma tirania e violência de trabalho que eu, a pesar dos meus oito anos de casa, jâmais consegui descobrir, nem exercida contra o porreiro Pacheco, nem contra qualquer outro funcionário, pois se a descorisse e isso creio eu bastante fácil, caso ela existisse, afirmo-o altivamente, ainda que nisso fôsse todo o meu futuro, o futuro dos que me são caros e a logo que à custa de vários esforços conquistei, a el me oporia por lidas as formas legais e honestas, se não com aquela autoridade e força que dão os grandes empregos e as chouradas colocações, pelo menos, com aquela justiça e razão que sempre desejaram a humanidade.

O porreiro Pacheco talvez influenciado pelo avanço da idade sofre um pouco da mania da perseguição e daí o facto de sendo um funcionário adido e até já colocado noutra repartição que não o Liceu de Passos Manuel com direito incontestável à reforma, preferir *aturar a violência* dum servo que de facto lhe pertence porque habita no edifício mas que de maneira alguma atinge o horário citado e a suportar ao que diz as más vontades e censuras *da oficial do mesmo ofício* o contínuo por ele indicado. Nestas condições, e porque creia que de futuro ninguém admittirá a existência duma tirania dentro dum edifício que prima pela esmerada ânsia de liberdade de alguns dos seus funcionários e pela maneira levantada e nobre como exerce a ministração, vos envia Saúdades Sindicais o vosso. — *Paulo Emílio.*

Contra a ganância da Companhia do Gaz e Electricidade

Na sessão de ontem da Câmara Municipal o vereador sr. Alexandre Ferreira protestou contra o facto da Sociedade Companhias Gaz e Electricidade estar distribuindo uns impreços pelos quais se verifica que ela pretende elevar o preço do aluguer dos contadores do gaz e electricidade, sem que para isso tivesse recebido autorização da Câmara. As apólices aprovadas pela Câmara e que regulavam o assunto eram de 1919, isto é, posteriores à guerra. Termina por pedir ao presidente da Comissão Executiva que volta a usar da energia que fivera com a referida Companhia logo após a actual vereação ter tomado conta dos interesses da cidade.

Resolreu-se publicar avisos dando conhecimento aos munícipes de que a Câmara não autorizou a elevação das taxas a pagar pelo aluguer dos referidos contadores.

Uma liga de defesa dos consumidores

Acaba de se constituir em Lisboa uma nova liga que se propõe defender os interesses dos consumidores de gaz e electricidade que novamente se vêem ameaçados com renovação do contrato entre a Câmara Municipal de Lisboa e as Companhias Reunidas do Gaz e Electricidade, a efectuar brevemente.

Saúda-se a sua primeira reunião, que se realizou na sede propriedade, rua de São Bento, 297, a comissão instaladora apreciou, entre outros assuntos, a última comunicação da referida companhia sobre o aumento escandaloso dos preços do aluguer dos contadores e fogões, deliberando promover a publicação imediata dum manifesto convidando o público a reagir contra tal extorsão e ainda a estabelecer atmosfera para que no novo contrato a celebrar, se acateem devidamente os legítimos interesses dos lisboetas.

Todas as comunicações a adesões devem ser dirigidas ao secretário da Liga, João Lino, na morada acima indicada.

Os fascistas continuam assassinando os seus adversários políticos

MILÃO, 7. — No decurso de violentas desordens ocorridas entre fascistas e socialistas em Florença e Livorno os fascistas mataram o director do jornal o *Concelo* e o deputado Peláti, incendiaram os escritórios dos advogados socialistas a agência dos jornais e a fábrica de massas alimentícias.

Ensino. Quais os processos a dar ao ensino, em todos os seus graus, para o caracterizar uma feição lidamente republicana e nacionalista?

Estas teses devem ser discutidas em assembleia magna a realizar nos dias 2 e 3 de Janeiro de 1926.

Por último foram aprovados sócios: os srs. Carlos Augusto Pedro Marques, Casmiro Aparício da Silva, Edmundo Luis Soares, João B. Pereira de Lemos, João Pires, Joaquim Franco Junior, José Alves, José Francisco Jorge, Lourenço de Jesus Friaas e Raúl Pereira Martinho.

Coliseu dos Recreios

HÓTEIS sensacionais espectáculos 2-2-HÓTEIS

A maior e melhor Companhia de Circo que tem vindo a Portugal

A's 15 (3 da tarde)

Grandiosa matinée elegante

A's 21 (9 da noite)

Surpreendente espetáculo

Grandes novidades Trabalhos sensacionais

Entrada geral 3\$00 — Fauteuils a 8\$00

Camarotes a 40\$00

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

Na matinée têm entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

A BATALHA

É privilégio dos grandes actores políticos, poderem elevar até às alturas do drama, as mais abjectas fôrças do seu ofício.—VARGAS VILA.

A vida e as obras de Pedro Kropotkin descritas por Adrian del Valle

Causa-lhe uma impressão muito agrada-vel o observar que o movimento socialista se havia intensificado em Inglaterra.

Perto do fim daquele verão recebeu a infânia notícia de que seu irmão Alexandre morrera na Sibéria onde continuava detido.

Naquele mesmo ano publica em Inglaterra o seu primeiro livro «Nas prisões russas e francesas».

No ano seguinte, 1887, sua esposa dálhe a satisfação de uma filhinha, a que pôe o nome de Alexandra, em memória do irmão desaparecido.

Nos outono e inverno daquele ano, dá uma série de conferências em grande número de povoações do Reino Unido, sobre as prisões e o socialismo anarquista. Com a cooperação de alguns camaradas ingleses, começa a publicação de *Freedom*, revista mensal comunista.

Escrive para *Le Révolté*, de Paris, continuação de *Le Révolté* por ele fundado, uma série de artigos sobre o anarquismo, que publica em 1888 em um livro que se tornou famoso: «A Conquista do Pão».

Em 1894 visita os Estados Unidos, tomando parte no Congresso Scientifico efectuado em Washington. Aproveita a sua estada na grande república norte-americana, para realizar em várias cidades uma série de conferências nas quais faz uma exposição e defesa das suas doutrinas socialistas.

O produto integral das referidas conferências destina-o à publicação nos Estados Unidos de «The Solidarity», periódico de fôrmos dos ideais socialistas libertários.

Em 1901, faz uma série de conferências em «Lowell Institute», de Boston.

Desse os principios deste século até esclarar a guerra europeia, a vida de Kropotkin desliza por veredas mais tranquílias. Comparte o seu trabalho intelectual entre a sua colaboração em publicações científicas, com cujo produto atende às suas necessidades e de sua família, e a que dedica gratuitamente a periódicos libertários, como «Le Révolté», de Paris, «Freedom», de Londres, e outros. E sempre se encontra disposto a prestar o seu concurso em qualquer acto de propaganda. Segue com interesse o movimento operário e revolucionário de todos os países e, desde logo, com particular atenção, os sucessos que se desenrolam na Rússia.

A sua perspicácia não escapa a iminência de uma confecção europeia, mais tarde ou mais cedo, provocada pela Alemanha, cujo auge militarista previa. Precisamente, ante a iminência do conflito, e actuando pouco de harmonia com suas próprias convicções, ao iniciarem os anarquistas franceses uma campanha contra a lei que aumentava em um ano o serviço militar activo, recomendou-lhes que não se opusessem à dita lei, pois era de certo modo conveniente para contrapor ao militarismo germânico. Kropotkin estava convencido que o triunfo da Alemanha numa guerra com a França, significaria uma forte e duradoura reacção em tóda a Europa, que retardaria consideravelmente o advento da Revolução.

Firme nestas ideias, ao estalar a guerra em 1914, manifestou abertamente suas simpatias em favor dos aliados e recomendou aos seus amigos que os apoiassem.

Partiu imediatamente para a Rússia ao ter conhecimento de que o czarismo havia

recebido um golpe de morte, surgindo po-

tente a revolução. Fixou primeiramente a sua residência em Petrogrado, e como continuava crente de que o triunfo da Alemanha significaria uma ditadura imperialista e militarista sobre a Europa, esforçou-se por que a Rússia revolucionária não abandonasse os aliados.

Passou a Moscova a realizar-se ali, em Setembro de 1917, a «Conferência Democrática». Numa das sessões, a que assistiu como espectador, ao ser reconhecido foi entusiasticamente saudado pelos conferencistas, a quem dirigiu a palavra, recomendando que se desse à Rússia um regime eminentemente federal.

Continuou em Moscova até à primavera de 1918 e daí se conduziu a uma povoação próxima chamada Dinitrovka.

Fiel às suas crenças, não se imiscuiu nas lutas políticas que levaram a revolução por caminhos autoritários, tomando um matiz debilmente socialista com Kersensky e manifestando-se radicalmente marxista com Lénine e Trotzky. No entanto, quando os bolcheviques foram a Brest-Litovsk para firmar a paz com os alemães fez quanto pôde para o impedir, crendo que isso significaria a vitória final dos alemães e por conseguinte o fracasso da revolução russa.

Os factos encarregaram-se de demonstrar-lhe que estava em erro. O povo russo encontrava-se materialmente impossibilitado de continuar a guerra, e, em tais condições deixando de parte as razões de ordem moral — os bolcheviques foram hábeis a concertar uma paz que os livrava de uma invasão e lhes dava tempo para organizar-se e prepararem-se. Por outro lado, não só não venceu a Alemanha, como dentro dela estalou a Revolução, caindo o Império e o seu militarismo, sendo anulado o tratado de paz de Brest-Litovsk.

Manteve uma atitude benevolente ante o Estado bolchevique, por considerá-lo, com todos os seus defeitos autoritários, um grande passo de avanço para a completa libertação da Humanidade. Por sua parte os bolcheviques reconhecendo o grande valor de Kropotkin, honraram-no, publicando suas obras e colocando um busto de mármore do velho apóstolo do Anarquismo no teatro Praça, quando se celebrou em Outubro de 1918 o primeiro aniversário da Revolução proletária russa.

Então, a sua perspicácia não escapa a iminência de uma confecção europeia, mais tarde ou mais cedo, provocada pela Alemanha, cujo auge militarista previa. Precisamente, ante a iminência do conflito, e actuando pouco de harmonia com suas próprias convicções, ao iniciarem os anarquistas franceses uma campanha contra a lei que aumentava em um ano o serviço militar activo, recomendou-lhes que não se opusessem à dita lei, pois era de certo modo conveniente para contrapor ao militarismo germânico. Kropotkin estava convencido que o triunfo da Alemanha numa guerra com a França, significaria uma forte e duradoura reacção em tóda a Europa, que retardaria consideravelmente o advento da Revolução.

Firme nestas ideias, ao estalar a guerra em 1914, manifestou abertamente suas simpatias em favor dos aliados e recomendou aos seus amigos que os apoiassem.

Partiu imediatamente para a Rússia ao ter conhecimento de que o czarismo havia

recebido um golpe de morte, surgindo po-

tente a revolução. Fixou primeiramente a sua residência em Petrogrado, e como continuava crente de que o triunfo da Alemanha significaria uma ditadura imperialista e militarista sobre a Europa, esforçou-se por que a Rússia revolucionária não abandonasse os aliados.

Passou a Moscova a realizar-se ali, em Setembro de 1917, a «Conferência Democrática». Numa das sessões, a que assistiu como espectador, ao ser reconhecido foi entusiasticamente saudado pelos conferencistas, a quem dirigiu a palavra, recomendando que se desse à Rússia um regime eminentemente federal.

Continuou em Moscova até à primavera de 1918 e daí se conduziu a uma povoação próxima chamada Dinitrovka.

Fiel às suas crenças, não se imiscuiu nas lutas políticas que levaram a revolução por caminhos autoritários, tomando um matiz debilmente socialista com Kersensky e manifestando-se radicalmente marxista com Lénine e Trotzky. No entanto, quando os bolcheviques foram a Brest-Litovsk para firmar a paz com os alemães fez quanto pôde para o impedir, crendo que isso significaria a vitória final dos alemães e por conseguinte o fracasso da revolução russa.

Os factos encarregaram-se de demonstrar-lhe que estava em erro. O povo russo encontrava-se materialmente impossibilitado de continuar a guerra, e, em tais condições deixando de parte as razões de ordem moral — os bolcheviques foram hábeis a concertar uma paz que os livrava de uma invasão e lhes dava tempo para organizar-se e prepararem-se. Por outro lado, não só não venceu a Alemanha, como dentro dela estalou a Revolução, caindo o Império e o seu militarismo, sendo anulado o tratado de paz de Brest-Litovsk.

Manteve uma atitude benevolente ante o Estado bolchevique, por considerá-lo, com todos os seus defeitos autoritários, um grande passo de avanço para a completa libertação da Humanidade. Por sua parte os bolcheviques reconhecendo o grande valor de Kropotkin, honraram-no, publicando suas obras e colocando um busto de mármore do velho apóstolo do Anarquismo no teatro Praça, quando se celebrou em Outubro de 1918 o primeiro aniversário da Revolução proletária russa.

Então, a sua perspicácia não escapa a iminência de uma confecção europeia, mais tarde ou mais cedo, provocada pela Alemanha, cujo auge militarista previa. Precisamente, ante a iminência do conflito, e actuando pouco de harmonia com suas próprias convicções, ao iniciarem os anarquistas franceses uma campanha contra a lei que aumentava em um ano o serviço militar activo, recomendou-lhes que não se opusessem à dita lei, pois era de certo modo conveniente para contrapor ao militarismo germânico. Kropotkin estava convencido que o triunfo da Alemanha numa guerra com a França, significaria uma forte e duradoura reacção em tóda a Europa, que retardaria consideravelmente o advento da Revolução.

Firme nestas ideias, ao estalar a guerra em 1914, manifestou abertamente suas simpatias em favor dos aliados e recomendou aos seus amigos que os apoiassem.

Partiu imediatamente para a Rússia ao ter conhecimento de que o czarismo havia

recebido um golpe de morte, surgindo po-

tente a revolução. Fixou primeiramente a sua residência em Petrogrado, e como continuava crente de que o triunfo da Alemanha significaria uma ditadura imperialista e militarista sobre a Europa, esforçou-se por que a Rússia revolucionária não abandonasse os aliados.

Passou a Moscova a realizar-se ali, em Setembro de 1917, a «Conferência Democrática». Numa das sessões, a que assistiu como espectador, ao ser reconhecido foi entusiasticamente saudado pelos conferencistas, a quem dirigiu a palavra, recomendando que se desse à Rússia um regime eminentemente federal.

Continuou em Moscova até à primavera de 1918 e daí se conduziu a uma povoação próxima chamada Dinitrovka.

Fiel às suas crenças, não se imiscuiu nas lutas políticas que levaram a revolução por caminhos autoritários, tomando um matiz debilmente socialista com Kersensky e manifestando-se radicalmente marxista com Lénine e Trotzky. No entanto, quando os bolcheviques foram a Brest-Litovsk para firmar a paz com os alemães fez quanto pôde para o impedir, crendo que isso significaria a vitória final dos alemães e por conseguinte o fracasso da revolução russa.

Os factos encarregaram-se de demonstrar-lhe que estava em erro. O povo russo encontrava-se materialmente impossibilitado de continuar a guerra, e, em tais condições deixando de parte as razões de ordem moral — os bolcheviques foram hábeis a concertar uma paz que os livrava de uma invasão e lhes dava tempo para organizar-se e prepararem-se. Por outro lado, não só não venceu a Alemanha, como dentro dela estalou a Revolução, caindo o Império e o seu militarismo, sendo anulado o tratado de paz de Brest-Litovsk.

Manteve uma atitude benevolente ante o Estado bolchevique, por considerá-lo, com todos os seus defeitos autoritários, um grande passo de avanço para a completa libertação da Humanidade. Por sua parte os bolcheviques reconhecendo o grande valor de Kropotkin, honraram-no, publicando suas obras e colocando um busto de mármore do velho apóstolo do Anarquismo no teatro Praça, quando se celebrou em Outubro de 1918 o primeiro aniversário da Revolução proletária russa.

Então, a sua perspicácia não escapa a iminência de uma confecção europeia, mais tarde ou mais cedo, provocada pela Alemanha, cujo auge militarista previa. Precisamente, ante a iminência do conflito, e actuando pouco de harmonia com suas próprias convicções, ao iniciarem os anarquistas franceses uma campanha contra a lei que aumentava em um ano o serviço militar activo, recomendou-lhes que não se opusessem à dita lei, pois era de certo modo conveniente para contrapor ao militarismo germânico. Kropotkin estava convencido que o triunfo da Alemanha numa guerra com a França, significaria uma forte e duradoura reacção em tóda a Europa, que retardaria consideravelmente o advento da Revolução.

Firme nestas ideias, ao estalar a guerra em 1914, manifestou abertamente suas simpatias em favor dos aliados e recomendou aos seus amigos que os apoiassem.

Partiu imediatamente para a Rússia ao ter conhecimento de que o czarismo havia

recebido um golpe de morte, surgindo po-

tente a revolução. Fixou primeiramente a sua residência em Petrogrado, e como continuava crente de que o triunfo da Alemanha significaria uma ditadura imperialista e militarista sobre a Europa, esforçou-se por que a Rússia revolucionária não abandonasse os aliados.

Passou a Moscova a realizar-se ali, em Setembro de 1917, a «Conferência Democrática». Numa das sessões, a que assistiu como espectador, ao ser reconhecido foi entusiasticamente saudado pelos conferencistas, a quem dirigiu a palavra, recomendando que se desse à Rússia um regime eminentemente federal.

Continuou em Moscova até à primavera de 1918 e daí se conduziu a uma povoação próxima chamada Dinitrovka.

Fiel às suas crenças, não se imiscuiu nas lutas políticas que levaram a revolução por caminhos autoritários, tomando um matiz debilmente socialista com Kersensky e manifestando-se radicalmente marxista com Lénine e Trotzky. No entanto, quando os bolcheviques foram a Brest-Litovsk para firmar a paz com os alemães fez quanto pôde para o impedir, crendo que isso significaria a vitória final dos alemães e por conseguinte o fracasso da revolução russa.

Os factos encarregaram-se de demonstrar-lhe que estava em erro. O povo russo encontrava-se materialmente impossibilitado de continuar a guerra, e, em tais condições deixando de parte as razões de ordem moral — os bolcheviques foram hábeis a concertar uma paz que os livrava de uma invasão e lhes dava tempo para organizar-se e prepararem-se. Por outro lado, não só não venceu a Alemanha, como dentro dela estalou a Revolução, caindo o Império e o seu militarismo, sendo anulado o tratado de paz de Brest-Litovsk.

Manteve uma atitude benevolente ante o Estado bolchevique, por considerá-lo, com todos os seus defeitos autoritários, um grande passo de avanço para a completa libertação da Humanidade. Por sua parte os bolcheviques reconhecendo o grande valor de Kropotkin, honraram-no, publicando suas obras e colocando um busto de mármore do velho apóstolo do Anarquismo no teatro Praça, quando se celebrou em Outubro de 1918 o primeiro aniversário da Revolução proletária russa.

Então, a sua perspicácia não escapa a iminência de uma confecção europeia, mais tarde ou mais cedo, provocada pela Alemanha, cujo auge militarista previa. Precisamente, ante a iminência do conflito, e actuando pouco de harmonia com suas próprias convicções, ao iniciarem os anarquistas franceses uma campanha contra a lei que aumentava em um ano o serviço militar activo, recomendou-lhes que não se opusessem à dita lei, pois era de certo modo conveniente para contrapor ao militarismo germânico. Kropotkin estava convencido que o triunfo da Alemanha numa guerra com a França, significaria uma forte e duradoura reacção em tóda a Europa, que retardaria consideravelmente o advento da Revolução.

Firme nestas ideias, ao estalar a guerra em 1914, manifestou abertamente suas simpatias em favor dos aliados e recomendou aos seus amigos que os apoiassem.

Partiu imediatamente para a Rússia ao ter conhecimento de que o czarismo havia

recebido um golpe de morte, surgindo po-

tente a revolução. Fixou primeiramente a sua residência em Petrogrado, e como continuava crente de que o triunfo da Alemanha significaria uma ditadura imperialista e militarista sobre a Europa, esforçou-se por que a Rússia revolucionária não abandonasse os aliados.

Passou a Moscova a realizar-se ali, em Setembro de 1917, a «Conferência Democrática». Numa das sessões, a que assistiu como espectador, ao ser reconhecido foi entusiasticamente saudado pelos conferencistas, a quem dirigiu a palavra, recomendando que se desse à Rússia um regime eminentemente federal.

Continuou em Moscova até à primavera de 1918 e daí se conduziu a uma povoação próxima chamada Dinitrovka.

Fiel às suas crenças, não se imiscuiu nas lutas políticas que levaram a revolução por caminhos autoritários, tomando um matiz debilmente socialista com Kersensky e manifestando-se radicalmente marxista com Lénine e Trotzky. No entanto, quando os bolcheviques foram a Brest-Litovsk para firmar a paz com os alemães fez quanto pôde para o impedir, crendo que isso significaria a vitória final dos alemães e por conseguinte o fracasso da revolução russa.

Os factos encarregaram-se de demonstrar-lhe que estava em erro. O povo russo encontrava-se materialmente impossibilitado de continuar a guerra, e, em tais condições deixando de parte as razões de ordem moral — os bolcheviques foram hábeis a concertar uma paz que os livrava de uma invasão e lhes dava tempo para organizar-se e prepararem-se. Por outro lado, não só não venceu a Alemanha, como dentro dela estalou a Revolução, caindo o Império e o seu militarismo, sendo anulado o tratado de paz de Brest-Litovsk.

Manteve uma atitude benevolente ante o Estado bolchevique, por considerá-lo, com todos os seus defeitos autoritários, um grande passo de avanço para a completa libertação da Humanidade. Por sua parte os bolcheviques reconhecendo o grande valor de Kropotkin, honraram-no, publicando suas obras e colocando um busto de mármore do velho apóstolo do Anarquismo no teatro Praça, quando se celebrou em Outubro de 1918 o primeiro aniversário da Revolução proletária russa.

Então, a sua perspicácia não escapa a iminência de uma confecção europeia, mais tarde ou mais cedo, provocada pela Alemanha, cujo auge militarista previa. Precisamente, ante a iminência do conflito, e actuando pouco de harmonia com suas próprias convicções, ao iniciarem os anarquistas franceses uma campanha contra a lei que aumentava em um ano o serviço militar activo, recomendou-lhes que não se opusessem à dita lei, pois era de certo modo conveniente para contrapor ao militarismo germânico. Kropotkin estava convencido que o triunfo da Alemanha numa guerra com a França, significaria uma forte e duradoura reacção em tóda a Europa, que retardaria consideravelmente o advento da Revolução.

Firme nestas ideias, ao estalar a guerra em 1914, manifestou abertamente suas simpatias em favor dos aliados e recomendou aos seus amigos que os apoiassem.

Partiu imediatamente para a Rússia ao ter conhecimento de que o czarismo havia

recebido um golpe de morte, surgindo po-

tente a revolução. Fixou primeiramente a sua residência em Petrogrado, e como continuava crente de que o triunfo da Alemanha significaria uma ditadura imperialista e militarista sobre a Europa, esforçou-se por que a Rússia revolucionária não abandonasse os aliados.

Passou a Moscova a realizar-se ali, em Setembro de 1917, a «Conferência Democrática». Numa das sessões, a que assistiu como espectador